

O processamento do sujeito ex(im)plícito nas marcas de pretérito-mais-que-perfeito em contos publicados na imprensa paulista

Mariana Kuhlmann¹

Resumo

Nas publicações midiáticas podemos verificar a trajetória de determinados usos e como tais usos são sensíveis às necessidades comunicativas de diferentes gerações. Neves (2004: 130) relaciona tais necessidades com a gramaticalização e afirma que a formação de novos usos pode ocorrer de forma a satisfazer necessidades linguísticas não satisfeitas ou podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes. Ao assumirmos tal pressuposto respeitante à gramaticalização, pretendemos verificar e registrar a trajetória das marcas de pretérito-mais-que-perfeito e a relação que elas estabelecem com o processamento do sujeito ex(im)plícito em contos publicados na imprensa paulista do séc. XX, bem como as possíveis motivações que fundamentam a concorrência entre elas.

Palavras-chave: gramaticalização, processamento cognitivo, mídia, pretérito-mais-que-perfeito.

1. Introdução

Neste artigo, pretendemos apresentar considerações referentes à relação existente entre processamento do sujeito ex(im)plícito no português brasileiro e a trajetória das marcas de pretérito mais que perfeito e que remetem aos ao corpus coletado na execução do projeto *A trajetória das marcas de pretérito-mais-que-perfeito em contos publicados na imprensa paulista do séc. XX*², que se encontra em fase final e cuja natureza descreveremos no próximo tópico.

Para desenvolvermos esse tema de maneira satisfatória, precisamos considerar inicialmente que o surgimento de um uso inovador que passa a ser empregado,

¹ Estudante do 4º ano do curso de Letras e pesquisadora de iniciação científica.

² Projeto financiado pelo programa de iniciação científica PIBIC-CNPq e executado sob a orientação da Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes.

frequentemente ou esporadicamente, a despeito da existência de um uso que já apresenta um mesmo aspecto funcional desencadeará, inevitavelmente, um desequilíbrio no sistema linguístico. E quando esse desequilíbrio se instaura, há a tendência de que um dos usos suprima o outro ao se apresentar sobressalente em relação ao outro.

No entanto, esse processo não se manifesta de modo abrupto, mas, sim, gradual e se faz por meio das relações linguísticas estabelecidas entre os falantes. Esse percurso de concorrência, uma vez instaurado, pode atingir a língua oral e a língua escrita de diferentes formas. Por essa razão, os registros provenientes da imprensa escrita podem fornecer aspectos diferentes dos aspectos identificados em registros da língua oral.

Segundo Cardoso (2010: 107), os textos escritos, na posição de instrumentos que refletem as relações humanas em diferentes níveis, também apontam para a "codificação de propriedades linguísticas" constituindo uma fonte interessante no acompanhamento do desenvolvimento de variedades que assumem determinadas funções linguísticas.

Ao assumirmos a noção de codificação de propriedades linguísticas, torna-se pertinente perpassarmos por conceitos relacionados à gramaticalização e ao conhecimento que se adquiriu sobre seu surgimento e suas motivações. Inicialmente, é preciso considerar que a motivação para o processamento da gramaticalização se sustenta, resumidamente, nas seguintes bases:

tanto nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas, devendo observar-se, ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes. (Heine *et alii*, 1991: 29-30, *apud* Neves, 2004: 130).

Por essa razão, ao estabelecermos uma exploração no que concerne à concorrência linguística, acabamos por tratar de questões referentes à relação que o indivíduo estabelece com a língua e de que forma as suas necessidades comunicativas se manifestam na língua a ponto de preferir um uso ao outro. Dessa forma, por essa perspectiva, estudamos o indivíduo não apenas como ser social que por meio da interação com seu semelhante faz surgir determinados usos linguísticos, mas também como ser dotado de faculdades cognitivas que são colocadas à serviço da codificação de suas intenções.

2. Descrevendo o viés de pesquisa

Conforme mencionado anteriormente, consideramos de suma importância descrever a natureza da pesquisa e do corpus que permitiram a produção deste artigo.

A princípio, nossos estudos focalizaram um *corpus* escrito com o objetivo de verificar à luz da gramaticalização como se dá a dinâmica das estruturas que marcam o pretérito-mais-que-perfeito na linguagem utilizada na imprensa paulista do século XX. Como é sabido, vigoram no português duas estruturas com a marcação de pretérito-mais-que-perfeito: a forma composta e a forma simples.

A forma composta, selecionada para estudo, é construída pela junção do verbo *ter* que assume a função de verbo auxiliar e, por essa razão, carrega marcas deste tempo verbal com um verbo principal no particípio. São construções do tipo *eu tinha amado, ele tinha amado*. Já a forma simples é flexionada por meio de uma desinência verbal, assumindo a configuração do tipo *eu amara, ele amara*. Com a finalidade de evitar a seleção de um objeto de estudo que provocasse uma exaustiva e extensa incursão no *corpus*, o que poderia prejudicar a qualidade e a produtividade da execução do projeto, optamos por rastrear apenas as ocorrências verbais de 1^a e de 3^a pessoas.

A seleção do *corpus* em que nos debruçamos para a coleta dos dados necessários, se fez por meio de uma incursão no material digitalizado disponível na página *online* do *Arquivo Público do Estado de São Paulo*. Nesse site, há uma série de periódicos publicados no estado de São Paulo e que circularam em diferentes épocas. Optamos por dedicar os nossos estudos e analisar os contos presentes na revista *A Cigarra*, devido ao seu abrangente espectro temporal, uma vez que os seus primeiro e último exemplares foram publicados, respectivamente, em 1859 e 1980.

O período de publicações que estudamos parte do ano de 1914 e se estende até o ano de 1967. A decisão por esse período foi motivada pela qualidade da visualização dos materiais, pela disponibilização de materiais, já que faltam materiais digitalizados de alguns anos na página do *Arquivo*.

A Cigarra é uma revista de assuntos gerais que tem mulheres maduras e jovens da alta sociedade paulista como público-alvo. Além de contos literários, nela encontramos principalmente crônicas, poemas, anúncios de medicamentos para a saúde feminina, anúncios de casamento, produtos e dicas de beleza, colunas sociais dedicadas a noticiar os eventos frequentados pelas famílias abastadas da época, fotos de indivíduos proeminentes da sociedade e também de suas filhas – muitas delas em idade de casar, para os padrões culturais da época – e colaborações de leitoras.

No levantamento dos dados, selecionamos um exemplar de cada ano para que as marcas de pretérito-mais-que-perfeito fossem rastreadas nos contos presentes na revista.

Ao serem rastreadas e localizadas, tais marcas foram extraídas dos contos juntamente com as frases em que elas foram empregadas. Após executar essa etapa inicial de rastreamento, os dados foram organizados em uma tabela³, de forma que pudéssemos acompanhar o progresso da concorrência linguística entre as marcas e proceder à análise teórica. Até então, temos os dados localizados até o ano de 1950, considerando que a pesquisa se encontra em período de finalização.

Para não fugir aos propósitos da pesquisa, não avaliamos questões pertinentes ao estilo dos autores⁴; verificamos apenas a incidência das duas estruturas de pretérito-mais-que-perfeito e a distribuição do emprego dessas estruturas nas publicações da revista, o que aponta para o estatuto e o percurso dos dois membros dessa competição linguística e para as particularidades presentes no emprego deles.

Em suma, o projeto rastreou a concorrência entre as marcas de pretérito-mais-que-perfeito no período de 1914-1967. A verificação de tal percurso permitiu a formulação de hipóteses e discussões acerca do tema, como veremos a seguir.

3. Discussão: gramaticalização, processamento cognitivo e mídia

Estudar as trajetória das marcas de pretérito-mais-que-perfeito nos conduz, a princípio e inevitavelmente, a uma discussão sustentada por duas questões principais: gramaticalização e processamento cognitivo e gramaticalização e mídia.

3.1 Gramaticalização e processamento cognitivo

Ao assumirmos os falantes, não apenas como usuários da língua, mas também como seres dotados de um aparato cognitivo que, caso seja devidamente estudado, pode permitir reflexões enriquecedoras acerca dos processos de mudança linguística, somos levados inevitavelmente a uma discussão que confronta a gramaticalização e o processamento cognitivo dos seres humanos.

A gramaticalização entendida como um fenômeno de mudança linguística em que uma expressão quando frequentemente empregada assume um estatuto [+ gramatical] pode ser resumidamente descrita "como as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e

³ Cf. Anexo 1.

⁴ É válido salientar que muitos contos publicados na revista *A Cigarra* são de autoria anônima, o que torna ainda mais improdutivo o enfoque nesse aspecto.

discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial" (Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho, 2007: 17). Cabe então ponderar, qual é o papel que os falantes exercem nesse deslizamento funcional e de que forma as considerações acerca do processamento cognitivo dão conta de explicar esse fenômeno.

Uma das maneiras de abordar a gramaticalização e o processamento cognitivo consiste em desintricar a relação entre dois fatores atuantes neste fenômeno: frequência de uso e desgaste funcional. Lima-Hernandes (2010: 89) afirma:

É possível notar que a atuação do campo cognitivo das experiências discursivo-pragmáticas é fundamental para os deslizamentos funcionais que vão surgindo na língua. É como se dissesse que o indivíduo precisa experimentar eventos sociais e rotinizá-los para que sejam gramaticalizados. A gramaticalização, seria, assim, um processo que tornaria o processo de comunicação mais econômico, contraditoriamente, ao seu caráter mais produtivo; ser mais usado (produtivo) para ser mais desgastado e mais facilmente inferível pelos interlocutores.

Dessa forma, notamos que parece haver uma intuição presente na mente humana que leva os falantes a buscarem mecanismos que facilitam o processo de comunicação moldando-o aos propósitos de suas intenções comunicativas ou que, em outras palavras, tornam o "processo de comunicação mais econômico". Nesse sentido, verificamos que nesse eixo opera a capacidade da mente humana de abstratizar e simplificar determinados usos e, por conseguinte, associá-los a certos contextos de uso.

Ao analisarmos o processamento dos sujeitos explícito e implícito nas marcas de pretérito-mais-que-perfeito, esperamos constatar alguma particularidade referente aos contextos de uso que os falantes codificam ao usar uma marca em detrimento de outra.

3.2 Gramaticalização e mídia

Estudar a gramaticalização e eleger como fonte de pesquisa textos que circulam na mídia - jornais, revistas literárias, propagandas, etc. - parece ser uma tendência adotada por vários pesquisadores na contemporaneidade, pois proporciona um interessante e produtivo campo de pesquisa. Isso porque a mídia, mais do que nunca nos dias atuais, registra a linguagem corrente na sociedade e por essa razão consiste em uma importante ferramenta de estudos dedicados a verificar os estágios da gramaticalização e suas respectivas motivações.

Além disso, é possível hipotetizar que as muitas das publicações midiáticas em língua escrita, justamente por tratarem de assuntos atuais ou por precisarem cativar a

atenção dos leitores, apresentam uma linguagem corrente, acessível ao seu público alvo e suscetível aos usos inovadores que são familiares a tal público alvo e que, por essa razão, atraente para os pesquisadores que dedicados a verificar fenômenos de mudança linguística presentes no falar de determinados grupos de falantes.

Gonçalves (2010) ao empreender um estudo acerca do gerundismo no português do Brasil e o futuro perifrástico, propõem uma discussão baseada em críticas, referentes a esse fenômeno, presentes em artigos de opinião de jornais; Nogueira (2010) estuda a gramaticalização da expressão *quem sabe* em textos jornalísticos; Costa (2010) faz uso de seções da *Revista Claudia*, *Revista Veja* e da *Revista Veredas* para rastrear o processo de gramaticalização da expressão *por exemplo*; já Paiva e Barros (2010) nos apresenta um estudo baseado em textos representativos de diferentes gêneros da mídia jornalística sobre as construções com o verbo *ter* para verificar a relação estabelecida entre a gramaticalização e a variação.

Esses são apenas alguns exemplos das muitas pesquisas dedicadas a tratar de fenômenos associados à gramaticalização que utilizam publicações midiáticas para estipular seus recortes metodológicos e que comprovam como as mudanças linguísticas estabelecidas por meio da gramaticalização podem ser estudadas na mídia.

4. Tinha falado e falara: algumas considerações

Consideramos que, antes de analisar o processamento dos sujeitos, é importante tecer algumas considerações sobre o surgimento do verbo *ter* como auxiliar da forma composta de pretérito-mais-que-perfeito, Sampaio (2000: 4-5) afirma que o português arcaico e o moderno já registram as perífrases verbais que demarcam o pretérito-mais-que-perfeito composto. Para a autora, esse tipo de perífrase contribuiu para o aparecimento de um novo sistema verbal nas línguas românicas formado pela conjugação composta que subsiste lado a lado com a conjugação simples, e que em alguns casos a ameaça.

A título de exemplificação dessa ameaça, ela ainda cita o caso do francês em que a existência da forma simples do pretérito praticamente desapareceu e pode vir a desaparecer do alemão:

Prova desta ameaça é que, segundo Meillet, o pretérito simples do francês desapareceu inteiramente da linguagem falada. O Atlas linguístico de Gilliéron e Edmont mostra que no francês propriamente dito, o pretérito simples é uma forma morta. Segundo o mesmo Meillet, o pretérito simples tende também a desaparecer no alemão.

No percurso da formação da estrutura composta do pretérito-mais-que-perfeito, observa-se a gramaticalização do verbo *ter*, enquanto pleno, que assume a função de um verbo auxiliar ao apresentar as marcas de flexão que dão suporte ao verbo principal, que se apresenta no particípio. Esse fenômeno faz com que os traços lexicais do verbo sejam diluídos, provocando o surgimento de traços gramaticais e fazendo assumir uma função auxiliar na perífrase. Aliás, o surgimento desses traços gramaticais é acompanhada por um esvaziamento semântico:

Há de se reconhecer que à medida que esses verbos avançam na escala da gramaticalização, formalmente mudam de uma classe aberta, a dos verbos plenos, para uma classe fechada, a dos auxiliares. Semanticamente, deixa para trás traços semânticos que os identificam como verbos plenos e passam a codificar aspecto inceptivo (...). (Gonçalves & Carvalho, 2007: 75)

Ao contemplarmos os pressupostos da gramaticalização e o percurso assumido pela composição da forma composta do pretérito-mais-que-perfeito, notamos que a própria configuração semântica do verbo *ter* pode ter favorecido o surgimento dessa perífrase juntamente com a tendência das línguas de substituir as conjugações simples. Segundo Sampaio (2000: 2), o verbo *haver* era utilizado preferencialmente nas perífrases verbais, até que o seu concorrente, *ter* acabou suprimindo o seu uso: "o verbo *haver* se foi desgastando e esvaziando semanticamente, foi sendo substituído por *ter*". Quando afirmamos que a própria configuração semântica do verbo *ter* pode ter influenciado no fenômeno analisado, baseamo-nos na conotação existencial e impessoal que ele assume a ponto de ser concorrente do verbo *haver* e que por si só já é uma conotação mais abstrata do que a conotação de posse. Pretendemos verificar essa hipótese após encerrar o levantamento dos dados.

Outra questão pertinente que a presente discussão teórica suscitou diz respeito à oposição língua falada e língua escrita. Sampaio (2000) afirma que, segundo Meillet, no francês *falado*, as formas compostas prevalecem sobre as simples. Essa constatação nos levou a indagar se a dinâmica entre as formas simples e compostas na língua *falada* se dá da mesma maneira na língua *escrita*. Assim como o conteúdo semântico, esperamos que essa questão seja testificada após a finalização da análise dos dados.

5. Exploração do corpus: codificação de sujeitos e outro aspectos

A análise dos dados coletados nos permitiu, inicialmente, atestar como se deu o desenvolvimento da concorrência entre as marcas de pretérito-mais-que-perfeito e as

particularidades que caracterizam tais usos. A coleta dos dados permitiu o depreendimento dos indícios que podem apontar para os possíveis mecanismos cognitivos atuantes na dinâmica dessa concorrência.

A primeira ocorrência no *corpus* de uma expressão marcada pela forma do pretérito-mais-que-perfeito composto se deu no exemplar do ano de 1918 (*tinha desaparecido*). Encontramos novamente a forma composta no exemplar do ano de 1932 (*tinha lido*), de 1933 (*tinha sido*), de 1935 (*tinha justamente acabado*), de 1939 (*tinha sido*), de 1940 (*tinha sentido, tinha separado*), de 1941 (*tinha estado*), de 1942 (*tinha sido*), de 1943 (*tinha lutado, tinha estudado, tinha voltado*), de 1944 (*tinha empurrado*), de 1945 (*tinha perdido, tinha visto*), de 1946 (*tinha telefonado*), de 1947 (*tinha estado, tinha-se mirado, tinha morto*), de 1949 (*tinha havido, tinha comprado*) e de 1950 (*tinha achado, tinha dado, tinha entregue*).

Em todas as ocorrências localizadas até o presente momento, somente no exemplar do ano de 1932 encontramos o uso exclusivo da forma composta e no ano de 1948 o uso exclusivo da forma simples. Nas outras ocorrências, identificamos o uso concorrente entre ambas as marcas. Assim sendo, ao processarmos esses resultados observamos um fortalecimento dessa concorrência a partir do conto publicado no exemplar do ano de 1932.

Gramaticalmente, observamos também que parece atuar sobre as marcas de pretérito-mais-que-perfeito uma questão respeitante à expressividade dos sujeitos: notamos que a marca de pretérito-mais-que-perfeito composta parece ser preferencialmente usada em contextos em que o sujeito não é explicitado enquanto que a marca simples parece ser preferencialmente usada em contextos em que o sujeito é explicitado. Esse aspecto pode ser exemplificado com as seguintes ocorrências extraídas⁵ do exemplar de 1945:

1. *Quando a espôsa **morrera** de uma lesão cardíaca, precocemente fenecida pelos trabalhos e vigílias do ganha-pão, êle sentiu que a sua vida ia atravessando como que um túnel de isolamento e trevas terríveis.*

2. ***Tinha perdido** os primeiros anos da idade escolar.*

Até então, os estudos empreendidos mostram que o estatuto informacional (informação velha, nova ou inferível) guiaria a forma de referência. Dessa forma, pretendemos verificar se não está em jogo essa regra mais geral da referência.

⁵ Os sujeitos explícitos encontram-se sublinhados.

A verificação desse aspecto, caso comprovada na finalização da pesquisa, aponta para uma propriedade que o verbo *ter*, enquanto auxiliar da forma composta, que codifica a implicitabilidade que os autores esperavam expressar em seus textos. No entanto, isso não significa que a forma composta não tenha sido usada em ocorrências que o sujeito explícito esteja presente, como outras ocorrências apontam, ou que a forma simples não codifique o sujeitos não explícitos.

3. *Mas não **gesticulara** quando **conversara** com ele.* (exemplar de 1942)

4. *A pesada cortina das janelas **tinha sido** fechada por causa da claridade intensa.* (exemplar de 1942)

Assim sendo, o que hipotetizamos, a princípio, é que há uma tendência a empregar o a forma composta quando se codifica um sujeito implícito. Essa hipótese parece se salientar na ocorrência extraída do exemplar de 1944, que contém a forma simples e a forma composta em uma mesma frase, sendo que, a forma simples codifica um sujeito explícito e a composta, um sujeito não explícito:

5. ***Tinha empurrado** a porta contra a parede, e ela propria **encostara-se** à parede, sem olhar nada.*

Outra particularidade que verificamos, é a propriedade que a forma composta tem de se associar com um outro verbo na forma nominal, seja no particípio, seja no gerúndio⁶. Essa propriedade, até o atual momento, não foi verificada na forma simples.

6. *No carnaval **tinha sido** licenciado pela policia.* (exemplar de 1933)

7. *Por todo o mez de junho **tinha estado** percorrendo a Italia, rodando pelos Apenninos, via Tivoli e Capua, num velho automovel alugado e carregado com a bagagem e os apetrechos de pintura de Earnshaw, em desordem.* (exemplar de 1941)

8. *A pesada cortina da janelas **tinha sido** fechada por causa da claridade intensa.* (exemplar de 1942)

6. Considerações finais

Os estudos empreendidos nos permitiu observar o trajeto percorrido pela concorrência linguística estudada em textos escritos da imprensa paulista. Verificamos que, no intervalo temporal estudado, há predominância das formas simples do pretérito-mais-que-perfeito. Também verificamos que nos contos selecionados há um acirramento entre a

⁶ Sublinhamos os verbos que se encontram na forma nominal.

concorrência das formas simples e compostas à medida que nos aproximamos do ano de 1967.

As seguintes hipóteses foram levantadas após a incursão no *corpus*: no emprego das marcas de pretérito-mais-que-perfeito opera a preferência por parte dos autores em usar a forma composta do pretérito-mais-que-perfeito nos trechos em que o sujeito da oração não é explicitado e a própria configuração semântica do verbo *ter* pode ter influenciado esse emprego da forma composta do pretérito-mais-que-perfeito.

Em suma, o que pudemos atestar e hipotetizar até então, é que, ao assumirmos que determinados contextos de uso são associados a determinados usos, a forma composta das marcas de pretérito-mais-que-perfeito ao apresentar o verbo pleno *ter* gramaticalizado em verbo auxiliar parece assumir a tendência em codificar sujeitos não-explicitos nos contos publicados da revista. Dessa maneira, consideramos importante reforçar que a associação entre gramaticalização, processamento cognitivo e mídia constituem as bases que sustentam o estudo proposto.

Referências bibliográficas

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br>>. Acesso em 28 fev. 2012.

CARDOSO, Denise Porto. "Gêneros textuais e gramaticalização: língua falada e língua escrita". In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia (org.). *Gramaticalização em Perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010, pp. 107-120.

CARVALHO, Cristina dos Santos; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. "Critérios de gramaticalização". In: LIMA-Hernandes, Maria Célia; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, pp. 67-89.

COSTA, Rafaela Domingues. "O conector 'por exemplo' e seu processo de gramaticalização". In: Anais do Workshop Internacional sobre Gramaticalização. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010. pp. 16-17.

GONÇALVES, Alcione. "O futuro perifrástico com ir + estar + _ndo: um estudo do gerundismo no português do Brasil". In: Anais do Workshop Internacional sobre Gramaticalização. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010. pp. 25-26.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; CARVALHO, Cristina dos Santos. "Tratado geral sobre

gramaticalização". In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, pp. 15-66.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. "Mudança gramatical: caminhos a percorrer". In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia (org.). *Gramaticalização em Perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010, pp. 87-104.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. "Gramaticalização de quem sabe". In: Anais do Workshop Internacional sobre Gramaticalização. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010. pp. 43-44.

PAIVA, Maria da Conceição de; BARROS, Elzimar Castro M. de. "Construções com ter: gramaticalização e variação". In: Anais do Workshop Internacional sobre Gramaticalização. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010. pp. 53-54.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. *Estudo diacrônico dos verbos ter e haver*. São Paulo: CopyMarket, 2000.

Anexo 1: Dados Coletados

ANO	FORMA SIMPLES	FORMA COMPOSTA
1914	-Armando, pela segunda vez, apanhou o telegramma official, que deixára cahir no chão, n'um movimento brusco de indignação. - Despedira-se já, n'um soluçar angustioso. -Não sentira o choque do seu auto com um taxi tão apressado como o seu, nem reparara na multidão que o rodeava, quando, descendo do vehiculo, encontrou-se de pé, sobre as pedras da alameda. -A um movimento que fizera para se por ao fresco, o guarda levantára aquelle páo terrível, ante o qual cessavam o tilintim das carroças, o ruído monotono dos carros, o fonfonar agudo dos taxis...	
1915	Naquelle manhan elle descera á sua sala de trabalho com um vinco na fronte e os seus olhos, deante da grande mesa cheia de livros e papeis, traduziam o enfado, o tédio, o desajuste por todas as coisas da vida. A politica nunca o seduzira . Um raio de sol entrara nesse momento na sala, espalhando uma luz côr de ambar por sobre as liras de papel alvinilente. Amorosamente, uma voz segredara-lhe :	
1916	O espectáculo deslumbrante das senhoras, que davam ao salão, com a sua alegria, a sua belleza, a sua mocidade um encanto assaz penetrante, acabara por modificar-lhe as sensações do cerebro.	
1917	Essa tarde e essa noite, Violante gastou-as, a vivificar as sensações que tivera em companhia de Pedro. Emquanto elles se amavam a terra toda era um unico silencio: dir-se-ia qe Priape, que Eros estendera seus braços em gesto de supplica a clamar:	
1918	Chegára , enfim, o dia do casamento.	Tinha desaparecido...
1919	Devera ser assim mesmo.	

	<i>Por fim, achei justa a razão que a Piarrette me déra.</i>	
1920	<i>E, quando os meus olhos reprehensivos o procuram, encontram, não o mar agoirento, trovejante, que batera toda a noite, no arrepiar do vento e no chicotear da chuva, as vidraças e as Irinchas das minhas janelas.</i>	
1921	<i>O amor fôra para ambos a illusão de alguns instantes de desencontro e uma pequenina taça de fel. Elle guardara, até então em segredo aquella magua... Magua funda, que lhe roia todo estímulo e o atirara por alli desconsolado e inerte sem coragem de lutar, sem um unico gesto que denunciase nelle a Vida, a Vida espera e anceia, que tenta e que conquista, que ambiciona e que possue. Nada mais acordara nelle aquelle vigor de outrora. Elle architectara silenciosamente no coração e que, com o seu aniquilamento, o aniquilara todo todo, deixando-o por alli sem ninguém numa solidão dorida e acabrunhante.</i>	
1922	<i>A emoção não escondida, que lhe arregalava o olho fleugmatico e prescrutador, que lhe aguçara o palador viajado e exigente, que lhe despertara interesse e pitoresco, dera-lhe a cidade nesse typosito phenicio de mulher da beira-mar, cruzando, de giga á cabeça, as ruas, cantando o seu pré-gão do peixe fresco, movendo-se e baloiçando-se, o corpito fino e erecto, a cabeça risonha e morena, firme e desenvolta, na poalha luminosa do dia.</i>	
1923	<i>Expuz-lhe que me inspirara a Crença. Fôra uma crise apenas e eu, por ella, imprudentemente, me precipitara. É que eu rasgára violentamente o véu mysterioso mostrando, no fundo da esperança, Deus; é que eu lhe anunciara a hora suprema da Religião, hora ultima da terra, hora que não sôa nem declina, hora incommensurável. Elle inclinara a cabeça e então vi as lágrimas da sua juventude, os seus sonhos desfolhando-se às gottas, todos os seus amores despedindo-se. Fôra uma crise apenas e eu, por ella, imprudentemente, me precipitara.</i>	
1924	<i>Bentinha, já moça, tornara-se o encanto do arraial em festas de dias santos. Mas Juvencio nascera para soffrer. Uma gargalhada horrenda, deshumana, arrancara-lhe a razão.</i>	
1925	<i>Amelia casara-se e era mãe de uma encantadora creança. A felicidade não a fizera esquecer.</i>	
1926	<i>Morrera o dia que fora chuvoso e triste. Nascera já na agonia, já morto quasi e mal a noite recolhera os farrapos de seu manto, o sol seguiu-a como que amedrontado por tanta dôr na terra.</i>	
1927	<i>Nascera num paiz onde a neve era eterna. O dia todo fora assim. Nunca sentira o beijo de um sol ardente no seu corpo de creança. Nunca vira brotar da terra a primavera eterna. E o marinheiro que lhe promettêra mostrar a terra do sol ficou a adoral-a.</i>	
1928	<i>Eu que não quizera envelhecer!</i>	
1929	<i>A noite descera e os pallidos raios lunares clareavam, phantasticamente, um corpo, immovel e rígido. Sentindo uma doce e leve aura acariciar-lhe o rosto, Alvaro erguera o busto, apiando as mãos sobre a lage. Impressionado com o que lêra e com uma expressão de infinita pena estampada em seu abatido semblante, Alvaro buscou instiitivamente, com os olhos o epithafio do túmulo.</i>	
1930	<i>O povo que não obtivera convite, isto é, a gente de pouco mais ou menos, apinhava-se em frente á casa do Judeu, brilhante de luzes, graças aos lampeões de kerozene, tirados da sua loja, que é bem sortida. Muito se dansou naquella noite, e, a fallar a verdade,</i>	

	<p><i>muito se bebeu também, porque em todos os intervalos de dansa lá corriam pela sala os copos da tal cerveja Bass que fizera muita gente boa esquecer os seus deveres.</i></p> <p><i>Falava-se muito de um certo Lulú Valente, rapaz dado a caçoadas de bom gosto, que morrera pela moça.</i></p>	
1931	[Não há registros digitalizados no Arquivo Público do Estado de São Paulo]	
1932		<i>A minha pequena amiga (soube-o depois) estava terminado um conto para uma honestíssima revista ilustrada, cujas leitoras a apreciavam muito, pois tinha lido "A Theoria do Amor".</i>
1933	<p><i>Uma bofetada estalara entretanto.</i></p> <p><i>A mulher, batida, lançara-lhe numa praga o nome infamante.</i></p> <p><i>Animara-se o salão imenso da noite.</i></p> <p><i>Que mal fizera, porém, aos homens que a haviam prostituido e abandona, ou ao brutal que a colhera na rua e, indiferente a suplicas e a lágrimas, a levara assustada, a murros, ao posto de policia, donde partira com leva de mulheres cynicas e pervertidas para a horrenda prisão?</i></p> <p><i>Correra aqueles bailes, alegres, a rir no vestido de sêda leve e de pouco preço, que lhe parecia, depois da roupa grosseira da província, a beleza maior da vida.</i></p> <p><i>Dansara, rira, voara, a alma aberta como a vela branca de um barco a alegria innocente, sem a ninguém fazer mal, deixando que o coração vertesse toda a sua bondade ingenua de amor.</i></p> <p><i>O corpo oscillara, caira sobre a neva e branqueara-se logo.</i></p>	<i>No carnaval tinha sido licenciado pela policia.</i>
1934	<p><i>A época que temera chegou afinal.</i></p> <p><i>Durante annos vivera numa encantadora casa em estylo Rainha Anna, em Westminster, com duas criadas e um cão terrier.</i></p> <p><i>Tivera então que despedir uma das criadas e ficar só com a outra e Mops.</i></p> <p><i>Quando não pudera mais manter tal moradia, mudara-se para um gracioso apartamento em Ebury Street e contractara o serviço de uma criada, algumas por dia.</i></p> <p><i>Isso durara dois annos.</i></p> <p><i>Mops morrera.</i></p> <p><i>Mudara-se para dois quartos, bastante confortáveis, com vista para o sul e passou a fazer o proprio serviço.</i></p> <p><i>Ao fim desses tres annos, os recursos que ela julgara ter mais ou menos equilibrado, baixaram bruscamente, desaparecendo quasi.</i></p> <p><i>Morava ahi havia apenas dezoito mezes, mas já se habituara de tal modo que lhe parecia ter passado toda a vida ali, sobre a ruazinha modesta e suja.</i></p> <p><i>Mas ele acabara de se casar com estrela cinematographica e não tinha tempo para coisa alguma.</i></p> <p><i>Procurara um lugar de modelo, para exhibir vestidos proprios para senhoras de meia idade, porém, suas linhas eram um pouco cheias de mais para a moda.</i></p>	
1935	<p><i>Sempre tivera os psychiatras em conta de creaturas privilegiadas.</i></p> <p><i>A palavra fria e comedida da sciencia faria ruir o castello de adjectivos que eu construira para a morada de meus alienados.</i></p>	<i>Eu tinha justamente acabado de ler a notícia transcripta nos capitulos anteriores.</i>
1936	<p><i>Um dia, Hatch desapparecera.</i></p> <p><i>O fazendeiro a procurara, dizendo que Hatch havia desviado dinheiro do batalhão e fugido com uma nativa.</i></p> <p><i>Ella não quizera acredita, mas a noticia do desfalque foi logo confirmada.</i></p> <p><i>-Então foi coisa de mulher, hein?- indagou Johnny, com sorriso da velha amargura que Jo dissipara.</i></p> <p><i>Depois da sessão do julgamento, acompanhei Johnny ao hotel em que se hospedera.</i></p> <p><i>Ultimamente, porém, o fazendeiro voltara persegui-la, afirmando-lhe que contaria tudo ao marido se ella não</i></p>	

	<i>cedesse ao seus desejos.</i>	
1937	<i>Estivera no collegio até os quatorze annos. Não demonstrara nenhuma inclinação pelos estudos. Uma noite, Jessie saíra com Ernest e voltara ás quatro da madrugada para casa, muito orgulhosa: sempre havia alguém altura. Surprehendera-se um pouco, a pergunta era tão inesperada.</i>	
1938	<i>Hilton Grigson pensou que nunca vira Piccadilly tão attrahente como naquella manhã de manhã. Chegára de Nova York no dia anterior, depois de uma viagem tempestuosa. Não achara a bordo companhia que lhe conviesse, e passára a maior parte do tempo no camarote sentindo-se incontestável e francamente incontentavel e francamente insociavel. Quando deixou Nova York esta ficára envolta num nevoeiro e com uma temperatura quasi de zero. O homem voltára ao trabalho depois de guardar no bolso a moeda de prata. Pobre Hetherton, pobre Jim que chegára áquelle estado! E lamentou-o apesar de que durante vinte annos delle se recordára com ressentimento. Só amara uma mulher, e como não a poude conquista, nunca casára. Dissera a si mesmo que sua arte lhe bastava, mas havia momentos em que conjecturava se suas télas eram bastante perfeitas para servirem de estímulo á vida de um homem.</i>	
1939	<i>Claudia procurou ter em mente que David conhecera Coolidge pessoalmente e muitas vezes lhe falára no admirável personagem que elle era sob aquella sua capa. Muitas vezes se lembrara daquelle dia procurando recapturar o rythmo da existencia. Perdera-o não sabia como. A vida complicara-se de repente e tudo parecia andar errado. Nunca antes contractara uma empregada sem ver, e esperar o trem tinha sido excitante, especialmente depois da bella descripção que a agencia fizera das excepcionais aptidões de Emma.</i>	<i>Nunca antes contractara uma empregada sem ver, e esperar o trem tinha sido excitante, especialmente depois da bella descripção que a agencia fizera das excepcionais aptidões de Emma.</i>
1940	<i>Via agora que nunca amara realmente o primeiro marido. Era moça inexperiente. O contacto com Jeff lhe ensinara muita coisa ignorada pela tola Sandy, de vinte e um annos, que, vendo as amigas ostentando aneis de noivado, achara que seria interessante casar também. Seu pae tentara previnil-a - analysara Wickett correctamente a primeira vez que o vira - mas, quando ella se obstinou, julgara ser amor mesmo e desistira da opposição. Na verdade fizera de tudo o que pôde para ajudar no casamento; dera-lhes um encantador pequena bungalow como presente de casamento e arranjava um emprego na firma para Wickett.</i>	<i>Tinha sentido um choque quando ouviu a voz do ex-marido no telephone. Fazia teres annos que tinha separado, mas sua voz com aquella nota familiar, meia lisonjeira e meia zombateira, soava-lhe como se a tivesse ouvido na vespera, pedados.</i>
1941	<i>Conhecera Katrine na sua primeira visita a Nova York.</i>	<i>Por todo o mez de junho tinha estado percorrendo a Italia, rodando pelos Apenninos, via Tivoli e Capua, num velho automovel alugado e carregado com a bagagem e os apetrechos de pintura de Earnshaw, em desordem.</i>
1942	<i>Não disse estou "perdido" que poderia significar que estava liquidado moral ou fisicamente; nem "transviado" que poderia significar que se desviara do caminho. Mas não gesticulara quando conversara com ele. Não usara aquella máscara alegre, animada, quando falara de seu pai. Falara como qualquer moça de Houston. Nunca a vira antes da noite anterior.</i>	<i>A pesada cortina da janelas tinha sido fechada por causa da claridade intensa.</i>
1943		<i>Já tinha lutado mais de uma vez com homens como Mil,</i>

		homens taurinos, estúpidos, pesados, insensíveis a dor. Tinha estudado socos. Sonia se tinha voltado e estava com sua cabeça reclinada sobre o ombro de Eryx.
1944	Minha sobrinha abrirá a porta e permanecera em silêncio. Minha sobrinha fechara a porta, e, de costas para a parede, olhava fixamente a frente. Tinha empurrado a porta contra a parede, e ela própria encostara-se à parede, sem olhar nada. Eu não me levantara . Não era minha sobrinha. Ela não abandonara a cadeira, nem o trabalho.	Tinha empurrado a porta contra a parede, e ela própria enconstara-se à parede, sem olhar nada.
1945	Fôra feliz no primeiro matrimônio, muito feliz, mesmo. Quando a esposa morrera de uma lesão cardíaca, precocemente fencida pelos trabalhos e vigílias do ganha-pão, êle sentiu que a sua vida ia atravessando como que um túnel de isolamento e trevas terríveis. Via-lhes a alegria dos rostinhos inocentes, quando lhes dissera . Tudo acabara antes de principiar. Acabara? Por que fôra tão violento?	Tinha perdido os primeiros anos da idade escolar. Porém êle ainda não a tinha visto .
1946	O pesadelo pulara a cêrca da casa ao lado e começava a nos absorver, devagarinho. A última vez que falara com êle fôra naquela manhã.	Parece, porém, que tinha telefonado , pois, no dia seguinte, vimos nosso médico, o Dr. Cobb, saltar de sua pequena limosine azul.
1947	Acontecera o que tanto temia. Êle tivera de render-se.	Tom Rowlando tinha estado a ponto de gostar de Lola Benson, se bem que não fôsse o nome que ela usava no momento em que se conheceram. Tom Rowlando tinha-se mirado nesses olhos claros e brilhantes. Além de fornecer narcóticos a todo mundo, já tinha morto muitos agentes que se lançavam em seu encalço.
1948	E acabou por dizer-me onde nascera .	
1949	Suas idéias não deixavam de girar em tórno das circunstâncias daquela viagem, há tanto tempo projetada, no decurso dos anos que passara na América, trabalhando para conquistar uma definitiva comodidade na vida. Detivera-se , ao passar para fazer renascer recordações antigas, para tornar a ver a grande cidade que tão a miúde a sua imaginação evocava, com tôdas as suas transformações.	Tinha havido um degê-lo inesperado e triste. Tinha comprado em New York para ela um belo relógio de ouro, com duas tampas.
1950	Cá fora, estudara um pouquinho. Um profeta escrevera a fôlhas tantas, verso, do Livro da Nova e de Destino, que em Belém de Judá viria ao mundo o Cristo Nosso Senhor.	Enfim, tinha achado! Já tinha dado os presentes: o outro, o incenso e a mirra. O pastôr já tinha entregado a sua oferta.